

Dossiê Paulo Freire Apresentação

*Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito
que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos,
as árvores, as águas, a vida.*

(Paulo Freire)

Paulo Freire, em vários momentos, anunciou o seu desejo de ser lembrado como alguém que amou a vida. Uma vida atravessada pela infância, compreendida não apenas como um tempo cronológico, mas como condição da existência. Um “menino conectivo”, assim ele se autodenominou. Não deixar morrer em nós o menino ou menina que fomos e não fomos, um de seus ensinamentos.

O menino conectivo, Paulo Freire, sonhou e lutou ao longo de toda a sua vida por justiça social, por um mundo com mais “boniteza”. Construiu Pedagogias; esteve ao lado dos diversos movimentos sociais que, incessantemente, reivindicam o direito de todos e todas à liberdade, à uma vida digna; compôs com muitos coletivos de profissionais da educação a construção de uma educação como prática da liberdade; enfim, “amou profundamente o mundo”.

O testemunho de seu profundo amor ao mundo é recorrente nos livros que escreveu, nas entrevistas que concedeu, em sua atuação como educador e gestor e nos(as) milhares de profissionais de diferentes áreas de conhecimento que inspirou e continua inspirando.

Dentre tantos ensinamentos, o educador-menino Paulo Freire nos ensina a não desistir dos sonhos, a alimentar a esperança, a compreender as “situações-limite” que nosso tempo histórico nos coloca para construirmos “inéditos viáveis”.

Muitas têm sido as “situações-limite” de nosso tempo, dentre elas: o agravamento da violência e das desigualdades sociais, a intolerância, o desrespeito e ódio entre grupos sociais, a repressão à liberdade de expressão, o descaso com a educação e a saúde de milhões de brasileiros e brasileiras, enfim, contextos que, em seu conjunto, produzem uma política necrófila que atinge diretamente todas as conquistas de nossa democracia. Muitos são os processos de desumanização que tornam urgente a defesa dos direitos fundamentais de todas as crianças, mulheres e homens.

Nessa perspectiva, conscientes da necessidade de justiça, muitas pessoas e grupos aliam a indignação à luta incessante por um outro mundo possível e melhor. É deste lado, em que se unem esperanças e projetos humanizadores, que nos sentimos convocados a nos colocarmos diante do “quefazer” cujo tempo não é cronológico, mas de intensidade e presença “no e com o mundo”, o que significa nele intervir. Assim, somos impelidos a aceitar o convite de Paulo Freire para reinventá-lo nas experiências pedagógicas desenvolvidas em diversos contextos

educativos e etários, atualizando seu pensamento na construção de possíveis respostas aos desafios que temos enfrentado.

É com este compromisso, que funde alegria e indignação, que compartilhamos o dossiê “**Cem anos de Paulo Freire: resistências e utopias na construção de novas canções óbvias**”, edição de número 11, do volume 6, da Revista Estudos Aplicados em Educação, periódico do Programa de Mestrado Profissional em Docência e Gestão Educacional da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). O dossiê conta com 14 artigos organizados em três eixos temáticos.

No primeiro eixo, “**Crianças, infâncias e culturas infantis**”, o texto “*O que vale ser criança se nos falta infância? Um diálogo sonhado entre Paulo Freire e Mia Couto*”, de Walter Omar Kohan, abre o dossiê. Nele, o autor propõe um diálogo imaginado entre Mia Couto e Paulo Freire a respeito do tempo da infância e da relação com a infância na educação de pessoas de todas as idades. Esse diálogo imaginado nos provoca a pensar sobre o tempo da infância e os riscos, para as nossas vidas e para a educação, do esquecimento da experiência temporal infantil.

O tempo da infância se faz presente em “*As crianças, o quintal e o mundo: diálogos de Paulo Freire sobre a infância*”, de autoria de Elenice de Brito Teixeira Silva e Adelson Ferreira da Silva. O estudo, que se aporta na compreensão da infância enquanto categoria ontológica expressa na concepção de *ser no mundo*, de Paulo Freire, problematiza as implicações epistemológicas dessa concepção como pressuposto para a constituição da intersubjetividade nas pedagogias da infância. Partindo da infância narrada por Freire em seus diálogos, o texto nos remete à sombra da mangueira, nos reconectando com as bases humanistas da epistemologia freiriana passíveis de fundamentar pedagogias da infância participativas, expressivas e, por isso, transformadoras.

“*Crianças em situação de acolhimento institucional e o ensino remoto: um olhar desde a epistemologia freiriana*”, de Mariana Almeida de Moura e Marta Regina Paulo da Silva, convida-nos a refletir sobre os impactos da pandemia de Covid-19 na vida dessas crianças, em especial na relação estabelecida com a escola. Ao longo do texto, as autoras procuram desvelar os vários marcadores sociais de opressão que acompanham esses meninos e meninas e a urgência de se construir, desde a epistemologia esperançosa, inconformada e acolhedora de Paulo Freire, práticas pedagógicas emancipadoras que reconheçam a criança como sujeito político e de direitos.

A defesa da participação das crianças nos espaços educacionais é também apresentada em “*A educação física escolar ‘com’ a educação infantil: aproximações com Paulo Freire*”, de Uirá de Siqueira Farias, Daniel Teixeira Maldonado, Valdilene Aline Nogueira e Graciele Massoli Rodrigues. O estudo relata uma experiência político-pedagógica, realizada com crianças de cinco anos em uma escola pública, que tematizou a ginástica a partir da construção das aulas de educação física em diálogo com as crianças. O relato, ao afirmar a importância de uma escuta atenta às leituras de mundo que fazem meninos e meninas e a potência de sua participação no ambiente escolar, nos convoca a indagar o currículo técnico-instrumental ainda presente em nossas instituições educacionais.

O diálogo e a escuta, saberes fundamentais à prática educativa, marcam o trabalho “*Sobre (re)aprender a do-discência com as crianças: um desafio vivido com as turmas multi-idades da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo/UFSM*”, de Juliana Goelzer e Celso Ilgo Henz. O artigo apresenta alguns dos constructos de uma pesquisa de doutorado que objetivou investigar os possíveis desafios que a escuta sensível e o olhar aguçado às crianças nas turmas multi-idades provocam para os processos auto(trans)formativos com as professoras. A narrativa tecida no diálogo com as docentes evidencia a necessidade de aprendermos com as crianças, de

sermos, como propunha Paulo Freire, “do-discentes”, o que implica em uma escuta sensível e olhar aguçado aos meninos e às meninas.

O segundo eixo, “**Práxis Pedagógica**”, abre com o ensaio “*A educação humanista em Paulo Freire: apontamentos para uma alfabetização libertadora*” de Elisabete Ferreira Esteves Campos. A autora, a partir da epistemologia freiriana, discute os pressupostos político-pedagógicos para uma alfabetização libertadora na infância, em oposição a alfabetização memorística, ainda presente em muitas escolas. Ao discorrer sobre o contexto de pandemia, trata da necessidade de acolher as crianças em suas vivências e dialogar com elas, reafirmando processos e práticas de alfabetização concebida como exercício de cidadania.

Em “*Reflexões sobre a importância do diálogo em um fazer pedagógico na educação física escolar*”, as autoras, Priscila Errerias Bonfietti e Elaine Prodócimo, a partir da experiência de uma sequência de aulas de Educação Física sobre jogos e esportes de rebater, realizada com crianças do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública municipal do interior do estado de São Paulo, apresentam uma reflexão sobre esse fazer pedagógico pautadas no conceito de diálogo de Paulo Freire. Ao longo de suas análises, demonstram que o reconhecimento da importância de dialogar com as crianças passa pela reflexão do(a) docente sobre a sua prática pedagógica, sendo esta seguida de novas ações, em um permanente ciclo ação-reflexão-ação.

O movimento dialético ação-reflexão-ação solicita a escuta atenta aos educandos e educandas em seus diferentes contextos sócio-históricos. Nesta perspectiva, o artigo “*Contribuições de Paulo Freire frente o cotidiano midiático discente*”, de Claudia de Jesus Tietsche Reis e Maria Antonia Ramos de Azevedo, apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em uma escola freiriana diante do cotidiano midiático discente e seus desafios educacionais. Ao analisar o projeto político-pedagógico da unidade escolar e as vozes da equipe educativa, as autoras discorrem sobre a atual realidade comunicacional, que tem provocado mudanças não apenas nas relações, mas, também, na própria organização do pensamento das novas gerações, e como os princípios pedagógicos freirianos podem contribuir na construção de um fazer pedagógico com os(as) estudantes.

O artigo “*Correlações entre pesquisa-ação e práxis pedagógica freireana: Uma educação dialógica a partir do contexto cultural*”, de Lilian Maria Moser, Hualan Patrício Pacheco e Eduardo Servo Ernesto, propõe um diálogo a partir de alguns fundamentos da pesquisa-ação e do método de alfabetização de Paulo Freire, demonstrando pontos de convergência entre estas duas perspectivas metodológicas, o que pode contribuir para a produção de novos conhecimentos em ciências humanas a partir da resolução de problemas sociais, em uma ação dialógica e de cooperação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa.

“**Educação popular e justiça social**”, terceiro eixo do dossiê, inicia com o artigo “*El legado pedagógico de Paulo Freire: una pedagogía de la esperanza que nos inspira para transformar el mundo*”, de María Verdeja Muñiz. Ao longo do texto, a autora discorre sobre a atualidade do pensamento e da pedagogia de Paulo Freire na construção de possíveis respostas aos desafios educacionais que o atual momento histórico nos coloca. Ao retomar temáticas centrais na obra de Freire, demarca a preocupação desse educador com as pessoas, sua denúncia e luta contra as injustiças sociais e sua profunda crença no ser humano, que tem em suas mãos a possibilidade de mudança e transformação, o que implica a necessidade de uma leitura crítica do mundo molhada de esperança.

O compromisso ético de Paulo Freire o colocou em diálogo com diferentes movimentos sociais, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST), como apresentado por Ana Maria Baldo e Elisete Enir Bernardi Garcia, em seu artigo “*Pedagogia do MST: uma construção com a presença de Paulo Freire*”. No texto, ao analisar a forte presença

da epistemologia freiriana na pedagogia do MST, as autoras evidenciam o caráter central dado pelo MST à educação e a viabilidade da construção de uma educação voltada para a transformação social e a emancipação humana. Nesse processo, reconhecem Paulo Freire não apenas como um inspirador, mas como um companheiro de luta.

A educador popular também é tema do artigo “*A COVID-19 e a determinação social da saúde: um projeto construído coletivamente*”, de Luciana Santos Collier, Victória do Livramento, Carolina Dantas Magalhães Lopes e Juliane Menezes da Silva. O texto apresenta as ações desenvolvidas em um projeto, construído coletivamente, que debateu com a comunidade de uma escola pública federal, localizada em Niterói/RJ, as condições de saúde e vulnerabilidade social impactadas pela pandemia de COVID-19, tendo como referencial a teoria da determinação social da saúde e da educação popular em saúde.

“*Pedagogia da Paz: uma proposta dialógica*”, de Alessandra Maria Martins Gaidargi, apresenta os resultados de uma pesquisa de pós-doutorado acerca de culturas de paz e educação a partir dos princípios freirianos. A autora, ao problematizar o conceito de paz, demonstra que esta não é a pura oposição à guerra ou sinônimo de resignação, mas a possibilidade de homens e mulheres se reconhecerem em suas diferenças em confrontação justa por soluções respeitadas para os conflitos. Nessa perspectiva, o estudo defende possibilidades de promoção de paz dialógica na educação, com vistas a recriação do mundo em comunhão.

O artigo “*Paulo Freire e a perspectiva dialética da educação como revelação do óbvio*”, de Thalles Valente de Paiva e Lucia de Fatima Valente, fecha o dossiê. O estudo, ao conceber a autodenominação de Paulo Freire como um “educador de obviedades”, analisa, por meio do viés dialético, o conceito de óbvio em Paulo Freire. Compreendendo que a realidade não é um dado natural, apolítico, mas uma construção político-social, defende que a dialética na educação é a revelação do óbvio, o que possibilita desnaturalizar o discurso hegemônico do suposto caráter apolítico da educação e, em diálogo com os educandos e educandas, afirmar sua dimensão política e o seu compromisso com a transformação do mundo.

Os trabalhos apresentados neste dossiê, que marca o centenário de nascimento de Paulo Freire, reafirmam o legado e o compromisso do Patrono da Educação Brasileira com a educação como prática da liberdade. Reafirmam, ainda, a atualidade de seu pensamento para o enfrentamento dos desafios de nosso tempo histórico. Nosso desejo é que eles se constituam em diálogos capazes de contribuir para novas pesquisas e inspirar práticas pedagógicas emancipatórias, molhadas de amor à vida, para que, em defesa da justiça social, possamos construir novas “canções óbvias” e com elas esperar um mundo com muito mais “boniteza”.

Marta Regina Paulo da Silva
Rodnei Pereira
Adilson De Angelo
Jason Ferreira Mafra